

NA TERRA DO SOL NASCENTE*

VICTOR TELES PIMENTA
Aspirante

SUMÁRIO

Introdução
Do outro lado do mundo – a Academia Nacional de Defesa do Japão
O Evento: a 16ª Conferência Internacional de Cadetes
Conclusão

INTRODUÇÃO

Foi com muita surpresa e satisfação que recebi o convite para realizar um intercâmbio na National Defense Academy of Japan (NDA). Além do privilégio ímpar de conhecer um dos países mais singulares e desenvolvidos do planeta, ainda teria a oportunidade de participar da 16ª Conferência Internacional de Cadetes (International Cadets Conference – ICC), organizada anualmente pelos japoneses desde 1998, a fim de discutir assuntos de geopolítica e de defesa com cadetes de todo o mundo. Além

disso, pude praticar de forma intensiva o uso da língua inglesa, o idioma oficial da Conferência, única maneira de me fazer entender com os nipônicos.

Esta Conferência foi realizada entre os dias 28 de fevereiro e 7 de março de 2013 e contou com aspirantes/cadetes de 14 países além do Brasil, sendo eles: Alemanha, China, Coreia do Sul, Estados Unidos, Filipinas, França, Índia, Indonésia, Itália, Japão, Reino Unido, Suécia, Tailândia e Tunísia. Além de mim, também representou o nosso país um cadete da Academia Militar das Agulhas Negras (Aman).

* Publicado na *Revista de Villegagnon* de 2013.

Neste artigo, procuro compartilhar a minha experiência, tanto dentro quanto fora da Academia japonesa.

DO OUTRO LADO DO MUNDO – A ACADEMIA NACIONAL DE DEFESA DO JAPÃO

Cheguei ao Japão por volta do meio-dia, após uma longa viagem de cerca de 30 horas a partir do Aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro. Após uma breve escala no Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, segui viagem rumo a Tóquio, desembarcando no Aeroporto de Narita, na capital nipônica, na véspera do início da Conferência. Fui recebido pelo Cadete Daniel Shimizu e pelo adido de Defesa, Naval, do Exército e Aeronáutico no Japão, já no saguão do aeroporto. Logo descobri que estava no mesmo voo que o cadete tunisiano convidado para a ICC e que estaríamos na primeira leva de cadetes que iria para a NDA naquela manhã. Assim, almoçamos, esperamos por outros cadetes que chegavam e, no meio da tarde, fomos conduzidos por uma viatura para a Academia japonesa. Neste ponto, aproveito para dizer que o Cadete Shimizu, meu “escolta” durante o evento, era, na realidade, um brasileiro, nascido de pais brasileiros no Paraná, tendo imigrado para o Japão junto com seus pais, ambos de ascendência nipônica. Portanto, sua língua materna é o português, que ele fala perfeitamente, sendo muito útil na tradução de termos japoneses e de aspectos da cultura daquele país que, mesmo para ele, ainda eram considerados exóticos.

A NDA é localizada na cidade de Yokosuka, província de Kanagawa, na Ilha Honshu, a principal do arquipélago japonês. Apesar da história milenar de seu país, ela só foi fundada em 1953, devido à derrota nipônica na Segunda Guerra Mundial, o que resultou na extinção temporária das Forças Armadas japonesas. Contudo,

após a Guerra da Coreia e a Guerra Fria, as Forças Armadas receberam a denominação de “Forças de Autodefesa do Japão”. Para formar os futuros oficiais dessa nova forma de organização militar, a NDA foi criada.

Um fato muito peculiar sobre essa Academia é que ela é responsável pela formação dos oficiais das três Forças (Terrestre, Marítima e Aérea). Isto porque um grande entrave no esforço de guerra de Tóquio durante a Guerra no Pacífico foram os constantes atritos entre o Exército e a Marinha Imperial sobre as operações e os objetivos militares que deveriam ser perseguidos. À luz desse ensinamento, quando da reestruturação do setor de Defesa japonês, eles decidiram unificar a formação dos oficiais, a fim de mitigar o problema e dar uma visão de conjunto a seus militares. Isso é constantemente enfatizado por lá.

Este fato não significa que eles reneguem o seu passado repleto de história: a lembrança do impressionante crescimento industrial do Japão durante a Era Meiji e o desenvolvimento independente do país nas décadas seguintes, incluindo vitórias contra inimigos poderosos como China e Rússia, estão lá, mas de forma discreta, como consequência da política pacifista que Tóquio adotou após a Segunda Guerra. O próprio nome “Forças de Autodefesa” no lugar de “Forças Armadas” já deixa claro isto, e o Japão, por provisão constitucional, se abstém de possuir armas nucleares ou do direito de empreender guerra a não ser para a defesa de seu próprio território.

Chegando à NDA, fomos conduzidos aos camarotes onde ficaríamos hospedados durante a conferência. Eram camarotes para oito militares, bem confortáveis e com aquecimento a gás, devido ao clima frio. A NDA se localiza no alto de uma colina, sendo bem maior do que a nossa Escola Naval e não tendo, para a minha grande surpresa, o comum problema de falta de espaço pre-



Foto oficial da 16ª ICC

sente no superpovoado Japão. A Academia abriga aproximadamente 1.800 cadetes de ambos os sexos (as mulheres somando pouco mais de cem). No primeiro ano de Academia, os cadetes ainda não possuem definida a Força em que servirão e realizam um curso básico. Ao fim do primeiro ano, eles são escolhidos pelos oficiais, de acordo com a aptidão demonstrada nas diferentes áreas, podendo os cadetes apenas sugerir a sua opção preferida. O local onde servirão após o término da sua formação também é determinado pela administração das Forças de Autodefesa.

Há poucas semelhanças na rotina, especialmente na ordem em que as coisas são feitas. Após a alvorada, os cadetes fazem suas camas e descem imediatamente para uma conferência geral, antes das faxinas matinais. Isto é feito correndo, já que todos devem estar formados apenas três minutos após a alvorada. Após isso, os cadetes do 3º e do 4º ano vão tomar café no rancho, enquanto os primeiranistas têm de fazer a limpeza dos camarotes e pavimentos (incluindo lavar o chão dos corredores e os banheiros) sob a supervisão do 2º ano.

Somente após essa tarefa eles se dirigem (como de praxe nas academias militares, correndo) para o refeitório. A barba só será feita após o desjejum. Seguem-se as aulas, que ocupam toda a parte da manhã. O restante do dia é parecido com o da nossa Escola Naval (mas sem Parada Escolar), com a parte da tarde sendo dedicada ao Treinamento Físico Militar (TFM) e a da noite ao estudo. É obrigatório, contudo, obedecer ao toque de silêncio das 22h30, sendo vedada a permanência fora das camas após esse horário.

O relacionamento dentro do Corpo de Cadetes japonês também é bem diferente da nossa Escola Naval. As turmas são muito distantes umas das outras, com a continência sendo exigida entre quaisquer turmas diferentes, mesmo do 3º para o 4º ano. Além disso, os cadetes do 1º ano fazem o papel de taifeiros, efetivamente servindo os veteranos do 4º ano durante o rancho. As punições coletivas são muito comuns. Se um camarote está sujo, todo o pavimento será responsabilizado e, dependendo da gravidade, até mesmo todo um Batalhão! A punição geralmente é correlata à contraven-



Aspirantes estrangeiros da ICC e seus acompanhantes japoneses durante a conversa com o comandante da NDA

ção coletiva, como uma limpeza coletiva do que estava sujo.

A voga de licença também é bem picada e peculiar. Sexta-feira é um dia de rotina normal, com todos os cadetes pernitoando a bordo. A licença é tocada na manhã de sábado, e todos os cadetes devem ser licenciados e regressar para bordo de farda, como era feito tempos atrás na Marinha do Brasil. Os cadetes devem regressar aos sábados antes das 22 horas, podendo ser licenciados novamente no domingo, nas mesmas condições. Com a exceção dos cadetes do 1º ano, os demais possuem algumas licenças ao longo do ano para poderem pernitoar fora da Academia. O 2º ano tem 11 sábados; o 3º ano, 16; e o 4º ano, 21 sábados. Todos devem regressar até às 22 horas de domingo. Os calouros enfrentam ainda mais uma restrição: além de serem obrigados a licenciar de farda, como todos

os outros, eles ainda são obrigados a permanecer de farda fora da Academia! Ou seja, se desejarem ir ao shopping ou visitar um parente, devem fazê-lo devidamente fardados, do contrário serão punidos.

Contudo, toda essa rígida disciplina, combinada com o estrito senso de dever dos japoneses, tem uma consequência: muitos cadetes sucumbem à pressão e, sem conseguir aceitar o seu próprio “fracasso”, fogem da Academia para não terem que se submeter a um processo de baixa e à “censura” da família. Isso é algo relativamente comum, como pude presenciar na semana em que estive lá. Assim que a falta do militar é detectada, toca-se um “reunir geral” para o Corpo de Cadetes e inicia-se uma busca por toda a Academia. Esse procedimento é levado bem a sério porque, em caso de desastre natural (como terremoto ou tsunami), é necessário saber exatamente



Vista frontal da NDA

quantos e quais militares estavam a bordo, a fim de subsidiar as equipes de resgate.

Outro aspecto muito diferente da nossa Escola Naval é o serviço, que é composto totalmente de forma voluntária. Além disso, os cadetes ficam de serviço por toda a semana, sendo todos os serviços de Estado. O lado negativo de o cadete não se voluntariar para nenhum serviço é que, quando ocorre um feriado, ninguém é voluntário, e, assim, aqueles que possuem o menor número de serviços serão colocados no detalhe à revelia.

Existe um número considerável de cadetes de países da Ásia na Academia de Defesa do Japão, como da Indonésia, da Coreia do Sul, do Camboja e até mesmo do lusófono Timor Leste (tive inclusive a chance de conversar um pouco com os cadetes de lá, com seu português bem carregado).

Outros eventos bastante únicos da NDA são alguns específicos de cada ano: o 1º ano deve nadar um trajeto de 8 km na Baía de Tóquio, o 2º ano aprende a esqui na Ilha de Hokkaido (a mais fria e setentrional do país) e o 3º ano escala o Monte Fuji (a mais alta e sagrada montanha do Japão).

O EVENTO: A 16ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CADETES

Em 2013 a Conferência teve como tema geral “O papel dos militares do futuro”, dividido em três sessões: “Ameaças e ambiente de segurança”, “Missões militares e liderança” e “Tecnologia e operações militares”, sendo nesta última a minha participação.

As atividades da Conferência começaram com uma palestra bilíngue (japonês/inglês) de um almirante japonês sobre as novas tecnologias e ameaças militares do século XXI, para todos os cadetes e oficiais da NDA. Após isso, tiveram início as apresentações da ICC. Na minha sessão, estavam inclusos o cadete da Aman, um cadete da Força Aérea indiana, um cadete do Exército chinês, um aspirante da Marinha francesa e um aspirante da Marinha britânica.

As apresentações foram dos mais variados matizes: o indiano fez uma apresentação geopolítica da Índia, cujo grande destaque foi a preocupação sobre a existência de uma guerrilha marxista no interior do país. O francês falou sobre as novas fragatas franco-italianas (Fremm) e o caça Rafale, enquanto o britânico tratou muito a respeito do Serviço de Inteligência do Reino Unido, centrado no famoso MI6. As apresentações foram sempre seguidas de uma construtiva fase de debates, em que foram trocadas experiências de cada país a respeito do assunto. Também ocorreram apresentações dos cadetes japoneses, todas em inglês.

Minha própria apresentação, que contou com o auxílio do cadete da Aman, tratou



Memorial aos Guerreiros Samurais, na NDA

da influência que o desenvolvimento tecnológico de certas áreas (como a nuclear, a cibernética e a espacial) terá nos conflitos militares do século XXI. Ela despertou uma série de perguntas, principalmente dos cadetes japoneses, os quais, informados sobre o recente programa de reaparelhamento das Forças Armadas do Brasil, se mostraram interessados em saber como envolveríamos o setor industrial militar e civil neste projeto. Esta pergunta, provavelmente, se deve ao notável distanciamento e desinteresse da população japonesa dos assuntos militares em geral, fruto do pacifismo que domina o país desde o fim da Segunda Guerra.

As apresentações aconteciam no auditório da Academia e eram conduzidas integralmente pelos cadetes, ainda que contando sempre com a presença de alguns oficiais.

O interesse dos cadetes japoneses pelas apresentações dos estrangeiros era notável, ficando claro que eles esperam esta Conferência com muita expectativa. De fato, é uma oportunidade de aprender muito com estrangeiros dos mais variados recônditos do planeta.

Mas a ICC também vai além das atividades acadêmicas, propiciando aos participantes uma série de eventos culturais ao longo da semana. No final de semana incluído no período da Conferência, fomos autorizados a

sair e conhecemos as cidades de Tóquio e Yokohama, que formam um imenso conjunto urbano (na realidade, o maior do mundo, com mais de 35 milhões de habitantes, quase uma Argentina). Fomos divididos em grupos previamente definidos e seguimos diferentes rotas turísticas, também antecipadamente planejadas.

Nessas cidades conheci diversos pontos turísticos, como a Tokyo Tower, gigantesca torre localizada bem no centro da capital; o Palácio imperial do Japão, residência oficial do Imperador e que faz até o mundialmente conhecido Palácio de Buckingham parecer

singelo; o Distrito Comercial de Akihabara, onde se pode encontrar e comprar todo tipo de eletroeletrônico, área na qual os nipônicos são especialmente competentes; além de templos budistas e xintoístas, totalmente diferentes de qualquer templo religioso que existe em nosso país.

Durante este período de turismo, muito aprendi sobre os demais cadetes estrangeiros: dos chineses, obtive a informação de que eles são terminantemente proibidos de viajar para o exterior (exceto a serviço), beber ou até mesmo de usar o Facebook, e que em toda tropa ou Organização Militar existe um líder ou comissário político a fim de garantir a lealdade ao Partido Comunista Chinês e ao Governo. Da cadete sueca, soubemos que lá a rotina é extremamente tranquila e sem grandes cobranças, sendo todas as atividades feitas por disciplina consciente dos cadetes. Soubemos também que, nas Filipinas, ocorre exatamente o oposto: existe uma disciplina extremamente rígida que é cobrada continuamente. Além disso, tínhamos o guarda-marinha alemão ostentando uma grande barba e alegando que aquilo era normal em seu país, singular como todos os demais.

No último dia da Conferência, fomos recepcionados pelo comandante da NDA, Ryosei Kokubun, um professor universitário extremamente qualificado, que conver-

sou com todos os cadetes estrangeiros sobre o evento e suas impressões da NDA. Após isto, tivemos a cerimônia de encerramento e despedida dos cadetes japoneses, na qual cada um de nós fez um breve discurso; depois, ouvimos as conclusões gerais de cada grupo de debate.

CONCLUSÃO

Com o fim do evento e a sensação do dever cumprido em representar o Brasil, despedi-me de meus anfitriões japoneses e embarquei de volta para o Aeroporto do Galeão com a certeza das imensas diferenças entre nossos países e do quanto temos a aprender um com o outro. Não obstante, em todas as Marinhas existem laços comuns, seja nas tradições ou nas lides navais e militares.

Além da viagem ao Japão, tive a oportunidade de passar um dia na Cidade-Luz, Paris, onde fiz as escalas nos voos de ida e volta para Tóquio, conhecendo pontos turísticos como o Arco do Triunfo, a Avenida Champs-Élysées e a Torre Eiffel, melhorando ainda mais a experiência do intercâmbio e dando uma prévia da XXVIII Viagem de Instrução, que já se aproxima. Foi de ânimo renovado e com uma enorme bagagem de novas experiências que voltei ao Brasil, certo de ter aprendido muito do outro lado do mundo.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<EDUCAÇÃO>; Escola Naval; Viagem; Conferência; Intercâmbio;



Museu Naval

Apresenta a exposição permanente intitulada “O Poder Naval na Formação do Brasil”, que ocupa sete salas do pavimento térreo. O tema destaca a participação do Poder Naval na História do Brasil e sua importância na formação do País e nos dias atuais. O Museu Naval também apresenta exposições temporárias de diversos temas no segundo andar do prédio.

Visitas guiadas para escolas com atividades educativas e grupos diversos mediante agendamento.

“Preservar a memória para construir a história.”

Entrada gratuita

Horário de funcionamento: terça a domingo - 12h às 17h

Rua Dom Manuel 15 - Praça XV - Rio de Janeiro

Agendamentos para grupos: agendamento@dphdm.mar.mil.br

Informações e agendamentos: (21) 2532-5992 / 2233-9165

www.dphdm.mar.mil.br